

# Apresentação

Ao completar vinte anos de existência, a revista *Lutas Sociais* empenha-se em apresentar um número que expressa o essencial do que tem realizado. Análises críticas que, do ponto de vista dos que lutam pela transformação social, procuram destacar os processos de constituição dos sujeitos destas transformações. Trata-se, em suma, de uma proposta de luta teórico-ideológica para a qual ciência e crítica – autocrítica inclusa – estão indissolavelmente ligadas.

Angélica Lovatto abre o número com uma abordagem crítica do autonomismo, corrente que, apesar de sua curta duração, teve forte presença nas esquerdas intelectuais ao longo dos anos 80. Esta análise pioneira pode alimentar um debate política e intelectualmente necessário. A mesma disposição se manifesta no texto de três jovens marxistas, Lucas Trindade da Silva, Edemilson Paraná e Alexandre Marinho Pimenta. Aqui se trata, em uma perspectiva althusseriana, de aprofundar a crítica da problemática do sujeito em um duplo sentido: como sujeito do conhecimento e imanente à história. Juliana Cristina da Rosa apresenta um trabalho de imensa importância teórica e política, no qual violência e ideologias, especialmente no que se refere ao “progresso” e à “modernização”, se entrelaçam em diversas modalidades do processo de apropriação privada da terra e de resistências a ele.

O dossiê tem um caráter especial, pois se refere ao título da revista, aos seus vinte anos de existência e aos seus embates teórico-ideológicos.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, aproveitando o vigésimo ano de existência da revista *Lutas Sociais*, surgida diante do fortalecimento da ofensiva neoliberal que se seguiu ao colapso da URSS, da tentativa de construção da chamada Nova Ordem Mundial sob uma sólida hegemonia da maior potência planetária, examina algumas das principais características das múltiplas lutas sociais que emergiram ou se reconstituíram deste então. Para isso, usou como principal fonte, o acervo representado pelos 36 números da revista, que já nasceu resistindo à referida ofensiva, tanto que inscreveu em seu programa, até hoje publicado em cada número, a resistência ao “pensamento único”. Faltou muito para que o texto ficasse completo. Esta limitação expressa a imensa variedade de lutas sociais cobertas pela revista, o que ressalta a importância desta como fonte de pesquisa e como exemplo da fecundidade dos estreitos vínculos entre análise crítica e perspectiva de transformação social.

Neste período, a América Latina foi um verdadeiro laboratório de lutas sociais.

Alexander Hilsenbeck Filho examina dois movimentos fulcrais desta nova era. Um deles surgiu ainda durante a Guerra Fria, mas teve seu primeiro grande momento em 1997, com a Marcha Nacional a Brasília, primeira vitória imposta ao neoliberalismo no Brasil. O outro, que também germinou antes de 1991, veio à luz com grande intensidade ao desencadear, em primeiro de janeiro de 1994, uma luta aberta e ousada contra a política do Estado mexicano no início da implementação do NAFTA (Acordo de Livre Comércio das Américas). Bem diferente entre si, MST e EZLN possuem caráter muito abrangente, articulando embates locais, nacionais e internacionais à busca de novas formas de sociabilidade.

Ao analisar o processo venezuelano, Jair Pinheiro, com grande erudição e embasado em pesquisa de campo, aborda um sério problema da teoria e da prática políticas, o da soberania popular. Tal situação adquire contornos dramáticos quando esta soberania, assentada constitucionalmente, é questionada por uma oposição que, apoiada pelo conservadorismo nacional e internacional, procura se apresentar como portadora da bandeira da democracia. Também no eixo dos governos andinos impulsionados por fortes movimentos sociais, Gustavo Menon destaca a drástica alternativa com que se defronta, ao cabo de dez anos de governo do Equador: o aprofundamento do processo de mudança ou a permanência em um reformismo que, como ocorre em diversos outros países, ao se esgotar deixa o caminho aberto para o conservadorismo. Mais ao sul, Lisandro Rodrigues Braga, por meio do recurso à análise das formas específicas de regulação neoliberal e da ampla onda de contestação social que elas provocam, fornece subsídios para a análise de um dos momentos mais explosivos de lutas sociais na Argentina: a crise de 2000-2001. O artigo é complementado, de modo instigante, pelo de Mariano Féliz, que já examina, no mesmo país, a crise do desenvolvimentismo, a radicalização conservadora e as alternativas populares

Duas facetas da crise brasileira são abordadas em dois artigos sem conexão aparente. Paulo Henrique Alves dos Santos e Débora Cristina Goulart voltam-se para o trabalho de formação político-educativa de um importante movimento social que, em pouco tempo, disse a que veio e demonstra capacidade para mobilizar importantes contingentes de proletários e subproletários urbanos, contribuindo para a inserção destes na luta política. Já o intenso desenvolvimento capitalista no sudeste do Pará produz/reproduz o macabro entrelaçamento de arcaico e moderno, tanto no que se refere às relações de trabalho como aos assassinatos puros e simples. Um dos aspectos deste “progresso” é o desmatamento, o qual, por sua vez, faz parte da hecatombe ambiental imposta à região. Se já reina grande descaso sobre este avanço da barbárie, o silêncio é ainda maior sobre as resistências, especialmente do campesinato. Desatenção que Celia Regina Congilio e Carla Silveira Moraes se esforçam em quebrar com este artigo embasado na teoria e no levantamento da história oral de camponeses.

Desde a alvorada do imperialismo, o Oriente Médio é uma região em constante e, mais ainda, crescente turbulência, o que a torna um dos mais instáveis tabuleiros da presente crise internacional. Nele se destacam dois importantes aspectos: a questão nacional palestina, com uma legitimidade que se expande em todo o mundo, inclusive no interior da ONU; e a política externa dos EUA, cujos resultados devastadores se voltam, amiúde, contra o próprio Estado que a implementa. Este intrincado processo, que deprimiu a chamada Primavera Árabe é, mais uma vez, analisado por Marcelo Buzetto.

Até pouco tempo atrás elogiada pelos grandes meios de comunicação, a Ucrânia se tornou uma espécie de planeta distante, confuso, do qual apenas “se sabe” que é marcado pela violência, cuja principal causa seria a “ameaça russa”. É com prazer que *Lutas Sociais* apresenta o artigo de Carlos Serrano sobre as lutas internas a esta formação social, com destaque para o caráter específico de sua burguesia, bem como sua complicada inserção internacional.

Na sessão de resenhas deste alentado número que publicamos no vigésimo ano de *Lutas Sociais*, Luiz Eduardo Motta nos apresenta *Gramsci, marxismo e revisionismo*, de Leandro Galastri; e Fábio Mascaro Querido faz uma primeira abordagem de *Écologie et Libération: critique de la modernité dans la théologie de la libération*.

Coerente com o programa que a revista tem adotado nestes vinte anos, o conjunto dos artigos expressa forte pluralidade ao veicular diferentes posições no campo do marxismo. Para nós, esta prática produz um ponto de unidade favorável a uma democracia avançada e à produção de conhecimento crítico.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (Editor)  
Célia Maria da Motta  
Renata Gonçalves